**Artigo de opinião**

(autor: Lúcio Neto Amado)

**O formatar das ideias!**

O formatar das ideias é uma expressão demasiado sugestiva para o comum dos mortais, sobretudo porque a palavra formatar, remete-nos, em primeiro lugar, para as coisas da mente, ou seja, no alterar das mentalidades e em segundo lugar, para um mundo mirabolante que tem a ver com o século XXI.

O alterar das mentalidades surge como consequência do complicado e tortuoso caminho que queremos desbravar, no nosso país, para atingirmos os patamares mínimos, do tão propalado desenvolvimento que se quer sustentado.

Essa revolução de mentalidades está associada, grosso modo, a toda uma geração [mais antiga, a chamada velha guarda] que, tendencialmente entra em conflitos [com a geração imediatamente a seguir], contenda a que geralmente, se designa por *conflitos de gerações*, conflitos esses, que são transversais a quase todas as sociedades do mundo.

Convém salientar, que este é um país que tem uma franja significativa da sua população com idades abaixo dos 25 anos. Este precioso indicador diz-nos, sem sombras de dúvidas, que São Tomé e Príncipe é um país com uma população bastante jovem[[1]](#footnote-1). Há, portanto que dar atenção a essa juventude, nos seus anseios, nas suas angústias, nas suas expectativas. Eles são, os continuadores e herdeiros, incontornáveis, daquilo que os seus antepassados, os seus avós, os seus pais estão a «semear» e a construir, para um país de, e com futuro.

Quanto ao mundo mirabolante, o acento tónico recai na Era da tecnologia de informação que faz autênticos e indiscriminados “milagres” na comunicação em todo o globo.

Naturalmente que formatar é uma palavra forte, que se atribui na gíria, aos computadores, essa máquina impar dos tempos modernos.

Fazendo uma analogia com os computadores, o formatar das ideias, tem justamente a ver com as nossas cabeças de cidadãos são-tomenses, com as ideias que produzimos no nosso dia-a-dia, nesta pátria do cacau, do búzio, da jaca e do peixe voador.

Se todas as nações da área da lusofonia têm os seus heróis, que contribuíram, de algum modo, para a alteração das ideias, acerca dos seus países e do mundo, nós também temos os nossos de quem, igualmente, muito orgulhamos.

Desde logo, personalidades como o rei Amador, o Almada Negreiros, o Marcelo da Veiga, o Viana da Motta, o Caetano da Costa Alegre, o Salustino Graça, a Alda Espírito Santo, o Francisco Tenreiro, a Maria Manuela Margarido, o Nuno Xavier, o Zarco[[2]](#footnote-2), entre outros, fazem-nos sonhar com uma pátria onde os cidadãos aspiram a ter uma vida equilibrada eivada de um forte sentimento de justiça, de solidariedade e de equilíbrio a todos os níveis.

Porquê este título [o formatar das ideias]?

Este título surgiu com base numa novidade surpreendente que veio, nos finais do mês de Outubro, mexer com a cidade capital de São Tomé e Príncipe e, que está a contribuir significativamente, para a mudança de comportamentos e de hábitos de uma parte da população.

Essa grande novidade chama-se, *supermercado*, no verdadeiro sentido da palavra. Isto significa dizer, que é um supermercado, digno desse nome.

**O primeiro supermercado do nosso contentamento**

Um supermercado[[3]](#footnote-3) é, em princípio, um espaço que vende produtos dos mais variados, existentes ou não, nos circuitos comerciais do mercado nacional.

Alguns de nós, cá no nosso verdejante arquipélago de São Tomé e Príncipe, só conhecíamos o referido espaço de ouvir falar, através daqueles que viajavam, do que víamos na televisão e nas revistas vindas do exterior.

Finalmente, o sonho de ver e “apalpar” um supermercado real, surgiu num dia sem chuva, bastante calmo, sem sobressaltos, na capital da República Democrática.

Localizado numa zona privilegiada da nossa cidade, este estabelecimento comercial veio, de uma forma positiva, colmatar uma lacuna, de entre muitas, existentes no país.

**Espaço privilegiado?**

Para quem conhece a nossa cidade capital, este novo e majestoso estabelecimento comercial fica logo à entrada da zona conhecida como «Passadeira», ou seja do lado direito, de quem inicia a subida para o Hospital Dr. Ayres Meneses/Aeroporto.

O edifício, que inicialmente fora projectado, com características específicas, para albergar uma doca pesca, bem apetrechada, com equipamentos afins, fez-se, em tempo record, a sua reconversão para um supermercado. Sendo uma construção recente, feita de raiz, aparenta ser um edifício sóbrio, arquitectonicamente, bem conseguido, pois não parece agredir o Ambiente, tem um pontão feito em betão armado cuja serventia não se vislumbra, nem a curto, nem a médio prazo.

As águas cristalinas da baia de Ana Chaves[[4]](#footnote-4), essa marca fotográfica e indelével da nossa cidade, vêm, tranquilamente repousar nos alicerces desse supermercado, mergulhados no mar.

Toda a zona do edifício da antiga Alfândega, passando pela centenária Igreja de Nossa Senhora de Bom Despacho, do que ainda resta dos estaleiros navais que eram controlados pelo N’Txim[[5]](#footnote-5)-Txi, a Escola de Artes e Ofícios [de boa memória], o edifício dos CTT, todos esses imóveis, construídos em épocas passadas, “olham” tranquilamente, com “olhos de ver” essa nova «catedral» de abastecimento de géneros alimentícios.

Essa forma peculiar de “olhar” com firmeza e determinação, nos “olhos” resulta do facto, sublimar, de todos esses edifícios estarem «frente a frente», separados por uma nesga de água do mar, que dá *vida* a essa lindíssima baía, que é, na nossa opinião, o ex-libris da cidade.

À noite, as luzes do novel supermercado projectam nas águas da baía uma espécie de coreografia que mete “inveja” aos demais edifícios, alguns deles, que clamam bem alto, pela intervenção do Homem.

Costuma-se dizer que os edifícios[[6]](#footnote-6) funcionam um pouco como o ser humano, ou seja, se o Homem tem necessidade de ir, com alguma frequência ao médico, os edifícios, por sua vez, também «reclamam» por essa premente acção pois precisam, ser intervencionados periodicamente, para se evitar a sua gradual e total degradação.

**A marca indelével do Mercado**

A Lei dos Mercados[[7]](#footnote-7) é um novo paradigma que está a fazer toda a diferença no país, com a introdução desta nova forma de pensar o negócio. Possibilitou, logo à partida, que os cidadãos são-tomenses tomassem contacto directo, com a lei da concorrência.

O supermercado tem preços concorrenciais. Todas as unidades comerciais de grande dimensão, existentes em São Tomé, bem como as de pequena dimensão, os pequenos quiosques, o mercado informal, ficaram surpreendidas com esses preços.

Tiveram que repensar toda a filosofia do preço, conhecer as leis de mercado e saber como é que a população está a reagir face a essa verdadeira revolução do pequeno mercado.

Os preços vieram todos por *aí abaixo* deixando quase todos os agentes comerciais locais, a beira de um ataque, descontrolado de nervos. O preço de todos os géneros sem excepção baixou, levando algumas casas comerciais a fazer promoção de leite e outros produtos, que até então, estavam fora do alcance da grande maioria da população.

**N’ga bá dá wê kuá kumé[[8]](#footnote-8)**

Existe uma expressão que se ouve amiudadamente, nas ruas das cidades, nos locais fora das cidades, nos corredores do próprio supermercado, que é: un pô ná tê djêlu fá, madji n’gá bé, bá dá wê, kuá kumé[[9]](#footnote-9). Esta frase traduz um estado de espírito de quem se sente feliz com a existência de um estabelecimento comercial que traduz uma nova forma, de uma parte de cidadãos, se sentirem lisonjeados com essa novidade, existente noutros países.

Para eles São Tomé e Príncipe já conseguiu «internacionalizar-se» ao adquirir um supermercado. Os turistas já não terão razões de queixa nesse capítulo, salientam.

«*Gente já podi fazê luxu, ni cidadi. Agóra estrangêru respêta gente, porque ele olha que aqui já é como un terá dele*»[[10]](#footnote-10). Esta forma peculiar de nós falarmos marca de facto a nossa idiossincrasia linguística e cultural.

A este propósito, há um grupo de cidadãos que estão dentro do supermercado, na «bicha» a conversar descontraidamente [e a espera da sua vez para pagar] dizem uns para os outros:

- *Óh, gente parece que está na Europa. Até embaixador e ministro, vem fazer compra, onde piqueno faz. Eles também faz «bicha». Assim qui é. Lei prá um, lei prá todo. Agora é qui São Tomé e Príncipe é país justo.*

A conversa continua e uma jovem do grupo desabafa dizendo que, *para país ser justo, é preciso pôr um supermercado, também no Príncipe.*

**O nosso «centro comercial»**

O novo supermercado veio de facto determinar a maneira de o cidadão lidar com o preço, com a concorrência e com procedimentos cívicos.

Alguns cidadãos frequentam o estabelecimento, como se de um centro comercial se tratasse. Entram, não compram qualquer tipo de produto. Dão a volta a todos os corredores com produtos expostos, do vinho ao açúcar, passando pelos detergentes…

Esse cenário, possibilita e dá a impressão que vamos entrar numa exposição cuja temática é sobre o… riso.

É domingo e um grupo de cidadãos que aparentam ser de longe, fora da urbe citadina [chegaram de táxis] trazem na cara, estampados sorrisos que parecem ser de felicidade, de alegria.

Conversam, alguns ficam extasiados a contemplar, descontraidamente, tudo. Este é, também, passe-se a expressão, o nosso «centro comercial».

O humor parece andar de mãos dadas com a realidade. Os diálogos são mais que muitos: *chê, piquena, essa “coisa”, não é esse ministru que gente viu ontem em televisão? Chê até doutor di Centru de Saúde vem aqui? Credu, mundu está a mudá!*

Eis, na nossa opinião, a pequena-grande revolução que se está a operar no país, arrastados pelo surgimento desse espaço;

Dentro do supermercado:

- os produtos esgotam com relativa facilidade (principalmente, bebidas, gelados, chocolates);

- os preços são acessíveis, o que veio proporcionar, uma concorrência sadia no mercado. Quem ganha com isso, são, obviamente, os consumidores;

- os nossos agricultores, já conseguem escoar os seus produtos, com relativa facilidade. Passam a ter prazos e compromissos para com o novo estabelecimento comercial. Isso aumenta o seu sentido de responsabilidade, no processo;

- há «excursões» vindas de outras localidades, para fazerem compras na nova «catedral» de consumo. É frequente ver-se quatro, cinco “iáces” [carrinhas utilitárias de 9 passageiros, feitas táxi] vindas das roças com pessoas para fazer compras e contemplar o supermercado;

- as funcionárias que operam nas caixas, são simpáticas, tratam bem os clientes e têm, curiosamente, troco[[11]](#footnote-11) que serve para as encomendas. Isso faz toda a diferença, comparativamente com os outros espaços comerciais;

- os produtos agrícolas, [matabala, tomate, banana, entre outros] estão lavados e expostos de maneira que se pode levar, a quantidade que o cliente entender;

- o peixe é «amanhado» ou seja, escamado, cortado para os vários fins que os clientes desejarem. Outra grande revolução, na forma de se adquirir peixe, o que facilita a vida a muita gente;

- a carne, o queijo, os iogurtes e outros produtos, são adquiridos sem grandes sobressaltos. É o próprio cliente, quem se serve, da quantidade que quer e como quer;

- a limpeza é outra mais valia nesse processo inovador. A comparação com os nossos mercados de referência, não passam disso mesmo: comparação;

Fora do espaço, também há novidades:

- existem, curiosamente mais sinais de trânsito do que em algumas artérias das nossas cidades. Os traços existentes no chão com pinturas «dizem» aos clientes como é que se deve estacionar, sem anarquia, nem desmandos. Não há buzinadelas descontroladas;

- os cidadãos não utilizam nenhum espaço como W.C. A presença dos polícias e da segurança privada, funcionam como dissuasores para esses cidadãos mais “distraídos”, que, nas cidades e nos locais onde moram, aliviam-se despudoradamente;

- as latas, os pacotes vazios de bolachas, as garrafas, etc., não são atiradas para o chão, indiscriminadamente;

- as motos não são arrumadas e estacionadas tão desordenadas, como vemos em todo o lado.

Em todo esse processo, parece que George Orwell e o seu «1984» está presente no supermercado da nossa cidade capital. Os cidadãos interiorizam, (in) voluntariamente que, há ordem e disciplina, sem sequer haver qualquer autoridade nas imediações.

Que tal, o nosso Estado aproveitar essa «boleia» e fazer-se sentir em todo o território nacional, relativamente, a procedimentos de cidadania que deixam muito a desejar, quer nas escolas, nas ruas, nalguns lares, nas instituições públicas, etc., etc.

O civismo, as regras, os valores, devem ser (re) introduzidos através da educação voluntária dos indivíduos.

**Voltando ao título deste artigo**

A análise cirúrgica e microscópica que fazemos do quotidiano do leve-leve da nossa ainda tranquila sociedade, leva-nos a pensar, que existe, de facto, uma certa crispação social.

Por essa ordem, o *formatar das ideias*, faz-nos voltar a um raciocínio que nos leva a pensar serenamente, a nossa sociedade, a nossa democracia e sobretudo essa palavra mágica, inventada na Antiga Grécia e que se dá pelo nome de Cidadania. Todos falamos, por estar na moda, de cidadania, para o bem e para o mal.

Então, porque não se perder a envergonhada timidez e introduzir *Educação para a* *Cidadania* como uma disciplina obrigatória nos currículos escolares a partir do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Pensamos, e nunca é demais dizê-lo que, independentemente dos pressupostos que suportam a Cidadania e a Democracia, a política de diálogo deve ser encetada com todos os segmentos da nossa sociedade. Esses segmentos passam pela Sociedade civil, pela Igreja, pela Família [principalmente], pela Escola, pelas Instituições, pelos Partidos Políticos e sobretudo pelos governantes.

Há que ouvir, sem complexos, o que os jovens têm para dizer. Não podemos perder de vista que eles são o futuro. Logo há que se fazer um esforço para dar respostas concretas às perguntas dos jovens de São Tomé e Príncipe!

1. A data de 5 de Novembro é consagrada como o *dia Nacional da Juventude de São Tomé e Príncipe*. [↑](#footnote-ref-1)
2. Zarco foi um dos maiores compositores popular de São Tomé e Príncipe. Foi ele que compôs a música “Gandú”, identificada como uma das canções mais representativas do cancioneiro popular. [↑](#footnote-ref-2)
3. Super Mercado “(de super + mercado). Estabelecimento comercial de grande dimensão, onde se vendem produtos alimentares e outros artigos de consumo corrente expostos e organizados por secções, em regime de auto-serviço”.

   Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, (2001) Academia das Ciências de Lisboa e editorial Verbo, Lisboa, Portugal. Pág. 3484 [↑](#footnote-ref-3)
4. Quem vem visitar a República [Democrática] de São Tomé e Príncipe e *não vê a* *Baía de Ana Chaves*, comete um erro imperdoável. É, passasse-se a expressão e de acordo com a respectiva dimensão, o mesmo de *ir à Roma e não ver o Papa*. Essa comparação é, de certa forma, um pouco exagerada, mas pensamos e estamos convictos de que a Baía é de facto uma das melhores coisas que temos no nosso país. [↑](#footnote-ref-4)
5. O senhor N’Txim-Txi, como era conhecido, foi uma figura muito conhecida no nosso país. Ele trabalhava e residia nos estaleiros, cujas ruínas, ainda se pode ver, em frente a antiga Escola de Artes e Ofícios e ao lado da Cruz Vermelha de São Tomé e Príncipe. Homem carismático e com um poder e uma capacidade de liderança impar, ele foi um grande e destacado desportista [ele era benfiquista], tendo-se tornado famoso, sobretudo na modalidade de futebol. Os seus filhos varões foram quase todos, grandes desportistas, nomeadamente no futebol, no andebol, no basquetebol, e até na Religião! [↑](#footnote-ref-5)
6. Grande parte dos edifícios das nossas cidades estão, [sem excepção] muito maltratados e a precisar de uma intervenção urgente e cuidada. Quer na cidade capital [São Tomé], quer na cidade de Santo António [Príncipe], quer na cidade da Trindade [Associação de Socorros Mútuos], cidade de Neves, cidade de Santana, outras localidades, onde existem construções coloniais, nomeadamente as grandes Roças.

   Tal como os nossos anciãos que lutam, nos asilos, nas próprias casas, noutros locais não especificados, contra o estigma da degradação, do abandono e da exclusão social, esses edifícios lutam, igualmente, resistindo como podem a voragem indiscriminada e complexada, do Homem são-tomense, que aparenta ter dificuldades de lidar com a sua própria História. Enfim coisa que a cultura, a cidadania e a identidade, ajudam a atenuar e por vezes a resolver, sem quaisquer complexos, seja ele de inferioridade, seja ele de superioridade, ou sem complexos alguns. [↑](#footnote-ref-6)
7. A Lei dos Mercados é uma lei atribuída ao economista Say. Para mais informações acerca do assunto, sugere-se a consulta de um manual de economia. [↑](#footnote-ref-7)
8. Expressão idiomática da língua forro que significa «*vou dar aos olhos algo de comer*». [↑](#footnote-ref-8)
9. A tradução livre é: *posso não ter dinheiro, mas vou, ao menos dar de «comer» aos olhos*. Frase dita no limite, por aqueles indivíduos que não possuem meios para adquirir qualquer tipo de produto. A sua satisfação e consolação única é, poder passear livremente nos corredores do supermercado e deliciar-se com a exposição ordenada dos géneros alimentícios. [↑](#footnote-ref-9)
10. Tradução: Já podemos fazer luxo [orgulharmos] na cidade [país]. Agora [a partir de hoje, deste momento] todo o estrangeiro olha-nos com algum respeito, justamente por termos um estabelecimento com as mesmas características do existente no seu país. [↑](#footnote-ref-10)
11. Em quase todo o lado e, principalmente, nos estabelecimentos comerciais, o cliente sai sempre prejudicado, porque nunca ninguém tem troco. Isto acontece, por vezes, até em espaços de divertimento, discotecas, cafés, restaurantes e afins. [↑](#footnote-ref-11)